

ACHADOS NUMISMÁTICOS

O «TESOURO» ENCONTRADO EM MONCARAPACHO — ALGARVE

POR JOSÉ TOMÁS DA GRAÇA

Na «Carta Arqueológica do Algarve» se encontra Moncarapacho, considerada sede duma civilização posterior — a civilização neolítica — pois nos seus arredores e pròpriamente na localidade, se têm encontrado machados e mais instrumentos de pedra, que foram usados por essas civilizações.

Em 1861 e 1875, muitas sepulturas quase quadradas foram achadas numa fazenda de José Catarino e numa propriedade de António Palermo. Também na Rua dos Parreirões, se fizeram vários achados.

É ainda Estácio da Veiga que diz: «também aquela gente se lembra de ter visto machados de cobre e que pelos estudos efectuados na época, chegou à conclusão que na freguesia de Moncarapacho, ouve civilização paleolítica, neolítica e a do período dos metais, cujos vestígios se encontram em várias cavernas do Algarve e nomeadamente nas cavernas de Moncarapacho, as quais seriam encontradas se fossem bem procuradas».

Assim Moncarapacho, tem os seus pergaminhos de verdadeira arqueologia, o que muito é de considerar.

A sua origem é bastante antiga, pois que em 1471, se separou da freguesia de S. Tiago de Tavira.

Tem uma série de ermidas que demonstra o seu grau de importância religiosa e de culto; eis os seus nomes: Santo Cristo, Pé da Cruz, Misericórdia, Terceiros de S. Francisco, S. Miguel, S. Sebastião do Bitoito, Senhora do Carmo e Capela da Assunção.

Pois foi nesta Moncarapacho tradicionalista, que fica a 9 quilómetros da sede do seu concelho (Olhão), que se achou o «tesouro» que mais adiante menciono e que em seu valor intrínseco, — três quilos e quinhentas grammas de ouro — variedade de datas nas dobras de 4 escudos, é dos maiores que se

têm descoberto em Portugal, calculando-se o seu valor monetário em cerca de 200 mil escudos.

A sua quantidade, 251 peças abrange os reinados de D. João V, D. José I, D. Maria I e D. Pedro III, D. Maria I, D. João, Príncipe Regente e D. João VI.

Passamos a relatar os factos: a Câmara Municipal de Olhão, comprou para demolição, um prédio em Moncarapacho na Rua Major João Xavier Castanheda, para edificar a sede da Junta de Freguesia e outras repartições.

A casa expropriada era de aspecto antiquado, porém, nada fazia prever o que ali se podesse encontrar.

Em tempos distantes, habitou a dita casa a Família Palermo, — coincidência bastante curiosa — cuja situação financeira era muito boa, e também o Padre Manuel Graça. Nas últimas décadas, viveu lá também uma senhora costureira que era bastante pobre e depois de deixar de ser inquilina do prédio, começou a fazer uma vida muito regular, adquirindo até umas pequenas propriedades, passando depois a viver numa situação económica satisfatória. Assim, constou que esta senhora tivera descoberto qualquer pequeno tesouro na casa e que aos poucos fosse realizando capitais suficientes para as suas necessidades e compras.

Quando o operário João António Edmundo, abatia uma das paredes mestras que condizia com a parte furada onde a tranca da porta se movimentava, notou a entrada rápida da picareta, e qual não foi o seu espanto, quando verificou a saída em catadupa do filão de ouro; gritou, e foi então quando o empreiteiro tomou conhecimento do facto, isto depois do operário ter guardado algumas moedas nas algibeiras, tendo o empreiteiro arrecadado as restantes, numa boina «vasca».

A Guarda Nacional Republicana, tomou conhecimento do facto, começando as inquirições e pesquisas, detendo as pessoas que se relacionavam com o achado, para assim poder apurar tudo quanto era de interesse.

No início sômente apareceram 105 peças, e só mais tarde pelas diligências efectuadas é que o quantitativo subiu a 251 peças...

Depois de todas as moedas darem entrada no cofre da Câmara Municipal de Olhão, avistei-me com o sr. Presidente Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, o qual me informou que a totalidade do achado seria vendido pela Câmara, por meio de hasta pública ou em leilão por carta fechada, não tendo porém ainda tomado resoluções quanto à fórmula a seguir.

No entanto, tenho conhecimento que um grupo de indivíduos dedicados à arqueologia e numismática, vão enviar à Câmara Municipal de Olhão, um pedido no sentido de ficar em poder da Câmara todas as moedas que sejam de datas diferentes, para assim se iniciar uma secção de numismática, no

futuro Museu Municipal. Sendo assim, o sobejante é de 174 peças, estando a maioria delas à flor do cunho, especialmente as de D. Maria e D. João VI.

O recipiente onde os numismas se encontravam, era um «mealheiro» em barro vulgar, no feitio duma garrafa com fundo liso e em lugar do bocal tinha uma ranhura onde as moedas eram deitadas para dentro. A sua capacidade regulava pouco mais ou menos por 1 litro; pena é que não fosse possível conseguir reunir todos os bocados dispersos...

Classificação e datas das dobras de 4 escudos — Peças:

D. João V

1745 B	1 exemplar	1749 R	1 exemplar
1747 R	2 »	1750 R	2 »
1748 R	1 »		

D. José I

1753 B	1 »	1770	1 »
1758 R	1 »	1770 R	3 »
1759 ?	1 »	1771 R	3 »
1759 R	2 »	1771 B	1 »
1760 R	3 »	1772	1 »
1761 R	1 »	1772 R	3 »
1762 R	2 »	1773 R	2 »
1765 R	1 »	1774 R	2 »
1766	1 »	1774	1 »
1766 R	2 »	1775	2 »
1767 R	1 »	1775 R	4 »
1768	1 »	1776 B	6 »
1768 R	1 »	1777 R	1 »

D. Maria I e D. Pedro III

1778	1 »	1782 R	4 »
1778 R	3 »	1783	1 »
1779 R	5 »	1783 R	5 »
1780	1 »	1784 R	4 »
1780 R	2 »	1785	1 »
1780 B	1 »	1786 R	5 »
1781 R	2 »		

D. Maria I

1787	1 exemplar	1796	1 exemplar
1787 R	6 »	1796 R	10 »
1788 R	8 »	1797 R	6 »
1789 R	9 »	1798 R	10 »
1790 R	8 »	1799	10 »
1791 R	8 »	1799 B	1 »
1791	1 »	1799 R	1 »
1792 R	11 »	1800 R	6 »
1792	3 »	1801 R	8 »
1793 R	3 »	1802 R	4 »
1793	3 »	1803 R	4 »
1794 R	5 »	1804 R	2 »
1795 R	8 »	1805 R	2 »

D. João Regente

1805	4 »	1808 R	2 »
1806	1 »	1808	1 »
1807	1 »	1810 R	1 »

D. João VI

1822	12 »
------	------

Data do achado, 5 de Agosto de 1959.

Olhão, 23 de Agosto de 1959.

